

## *Balance de la violencia*

por Eduardo J. Vior

Policiais militares mataram em serviço, entre janeiro e novembro, mais do que em todo o ano de 2006, quando ocorreram os ataques do Primeiro Comando da Capital (PCC). Em 2012, já são 506 mortos no Estado em confrontos classificados como resistência seguida de morte, ante 495 daquele ano. Em média, a PM mata uma pessoa a cada 16 horas.

"Acho que se demonstra claramente a existência de uma política institucionalizada para matar. É impossível que se tenha tantas pessoas dispostas a morrer em confrontos com a PM. É preciso checar no que deu a investigação a respeito dessas mortes", diz o presidente do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana, Ivan Seixas. Para o presidente da Comissão de Segurança Pública da Ordem dos Advogados Brasil em São Paulo, Arles Gonçalves Júnior, o elevado número é consequência da política de combate ao crime adotada por Ferreira Pinto. "Enfrentamento do crime organizado tem de ser feito com inteligência, não com violência. Senão dá nisso, porque põe 'pilha' em quem está na rua."

Segundo o especialista em segurança pública Guaracy Mingardi, houve descontrole. "Polícia sem controle, que pisa no acelerador, mata mais. Foi isso o que Ferreira Pinto fez. Não é que ele incentivava (as mortes), mas não controlava", afirma.

Mingardi diz que muitos policiais perderam o referencial durante a onda de violência. "Aquele que estava largado, sem saber o que fazer, atirava na sombra, por não saber de verdade como reagir ou o que estava acontecendo de fato", diz. Segundo o especialista, a tendência é de redução nesse número.

Quien viaje a Iguazú y quiera ir de compras a Ciudad del Este, en Paraguay, apenas cruce el Puente de la Amistad que une Brasil con Paraguay puede entrar en el primer shopping a su izquierda y en varios locales comprar las armas de su elección: ametralladoras, pistolas automáticas, fusiles de guerra, etc. Cuidadosamente colgadas de las paredes, junto a aparejos de pesca, celulares y computadoras, están en venta sin restricciones y son entregadas discretamente en el domicilio que el comprador indique.

Seguramente ni el Primer Comando del Crimen (PCC) ni el Comando Vermelho (rojo), las mayores organizaciones delictivas de Brasil, van abiertamente de compras a Ciudad del Este, para abastecer sus arsenales, pero está comprobado que gran parte de su armamento llega por el vecino aeropuerto de Mínga Guassú, una de las más grandes terminales de cargas del continente, y de ahí sigue por carretera hasta San Pablo y Rio de Janeiro.

El detalle no es folclórico, ya que en la información mediática sobre las organizaciones criminales brasileñas generalmente se obvian los entornos que hacen posible su accionar.

Alguns estudiosos da criminalidade organizada afirmam que as ações ligadas ao tráfico internacional, via **Tríplice Fronteira e Colômbia**, estão entre as atividades conjuntas de ambas as organizações. Tanto a Polícia Federal como a Inteligência Militar têm trabalhado nessas atividades, mas ainda com pouco resultado. Cortes orçamentários, políticas públicas ineficientes, pouco contingente e uma fronteira gigantesca são elementos que atrapalham bastante esse combate.

**Thadeu de Sousa Brandão (IHU, UNISINOS, 26-11-12)**– O Estado brasileiro é e foi extremamente incompetente no que tange à administração penitenciária ao longo de toda a sua história. Primeiramente, prisão no Brasil sempre teve marca, cor e estrato social. E continua tendo. Os dados do **Departamento Penitenciário Nacional – DEPEN** (cito-os de forma aproximada) mostram que 98% de nossa população carcerária não possui ensino superior; mais de 80% deles mal terminaram o ensino fundamental; ampla maioria é de pobres, pardos e negros, marginália excluída e jogada no crime por um dos mais perversos sistemas sociais deste planeta.

2012 apresenta uma característica mais aprofundada: o combate entre a polícia e a organização deixa um saldo de mortos gigantesco atrás de si. A polícia brasileira é a que, percentualmente, mais mata no mundo. A paulista é a campeã nacional. E estou falando de dados oficiais. Estamos assistindo a uma verdadeira guerra civil que o Estado paulista nega e não está sabendo conduzir. Se as prisões não são efetivas, qual o raciocínio do policial (sem querer defender esse tipo de posição, mas apenas refletindo)? Executar o “inimigo”. Essa lógica de ação militar substitui uma lógica investigativa e de apreensão/prisão do indivíduo. Rompe-se com o Estado de Direito e lança-se numa verdadeira guerra não declarada. Ao mesmo tempo, há uma estratégia por trás dos ataques, principalmente por ocorrerem em anos eleitorais. Nossos políticos (como os de todas as democracias liberais) são sensíveis à opinião pública nesse momento. O PCC sabe disso e escolhe agir sempre nesses momentos. Não é coincidência.

O que pode e deve, e está sendo feito parcialmente, é o efetivo isolamento das lideranças do PCC. As penitenciárias federais estão aí para isso. São modeladas a partir das supermax estadunidenses e cumprem com rigor o isolamento dos apenados. Seus agentes têm excelente formação; são bem remunerados; existem planos de metas e uma boa gestão de resultados. Tudo o que esperamos de qualquer organização burocrática, pública ou privada.

a diminuição da criminalidade paulista foi movida por uma forte e crescente onda de encarceramento, uma espécie de "política de tolerância zero" paulista. Infelizmente, aumento de encarceramento, em longo prazo, gera aumento de delinquência e criminalidade. O preso, em questão de tempo, retorna à sociedade, mais "perigoso" e com mais qualificação criminosa para agir. Em São Paulo, há mais um agravante: o preso termina se associando ao PCC (na maioria das vezes é obrigado a isso), o que termina fortalecendo a organização. Círculo vicioso e complicado.